

BEIRUTE

Livro 85

Escritos Fenícios

Roberto Curi Hallal



© 2018 Roberto Curi Hallal

Produção Editorial
Gilberto Strunck

Capa
Dia Comunicação

Produção gráfica
Dia Comunicação



BEIRUTE HORRORIZADO

Eu vi teu rosto, mas não pode ver o mar, a neve. O vento conhecendo teus cabelos, pondo-os a dançar, assim me lembrava de ti Beirute. Eu vi a bomba ferindo os teus céus, Hiroshima foi aqui, na sua rota subdividiu em tantas partes soldando lutos e raízes restauradoras. Na profundidade deste lugar há restos de libanidade, de um povo que realiza o que não se ensina nas escolas. O Cedro conversa com a montanha, a fruta com a abundância da água decididas a enfrentar a estupidez, vencer a razão, a impunidade festejando a morte alheia. Beirute, eu vi teu rosto horrorizado, e o horror envergonhado se escondendo por debaixo dos escombros.



FRAUDE

A presença ancestral ainda contribui como categoria constitutiva da individualidade. A marca ancestral que nasce com os humanos carregada ao longo dos séculos

poderá sofrer alterações pela manipulação genética, agressões desta ordem já estão presentes no calendário dos antinatalistas. Em cada etapa do seu crescimento social e do seu amadurecimento biológico até aqui, agregam-se símbolos materiais da sua identidade singular. A manipulação genética fará interferências sem autorização do mesmo modo como hoje interfere na cultura, mediante chips alterará as marcas ancestrais introduzindo provavelmente sua cultura de extermínio como vem acontecendo há muito tempo. A eugenia incentivadora do aborto, da desqualificação dos pobres e do abandono com a pobreza, o parto controlado, o incentivo da “saúde reprodutiva” escondendo o controle de natalidade, a formação de médicos e para médicos alienados como executores de políticas públicas antinatalistas. O esvaziamento de conteúdo e o descompromisso com as formas nas universidades e nas escolas obedece a um plano de mimetização que destrói a criatividade e o aproveitamento da experiência. A idealização das técnicas e a total ausência de formação da ética humanista. Protocolos nivelam negando a singularidade, a repetição submete o controle do emissor e do receptor. O controle de qualidade esconde a indução do velho modelo industrial a serviço da escravidão consentida.

SEYYED HOSSEIN NASR (filósofo muçulmano 1999)

“A destruição da natureza é o último final da destruição do nosso próprio ser interior (...). É nossa escuridão interior o que agora se estendeu para fora no mundo da natureza. O caos exterior reflete como um espelho o que aconteceu em nosso interior (...). É impossível falar da natureza sem falar da imagem que temos de nós mesmos”.



CARL JUNG

Cita com plena aprovação estas palavras de Ochwiay Biano, indígena de Novo México: “Os brancos têm caras tensas, olhares fixos e uma conduta cruel (...). Estão sempre incômodos e inquietos. Não sabemos o que querem. Acreditamos que estão loucos”.

ETIMOLOGIA

A palavra natureza que remete a tudo o que nasce por si mesmo: natureza, natal e nativo compartilham a mesma etimologia.



JORDI PINGEM

A fertilidade da terra é a base da nossa vida.



ESPÉCIES

Conservar espécies ameaçadas é uma tarefa não só biológica, mas também, ou sobretudo, cultural.

MONOCULTURA

Um mundo hiperglobalizado, monocultural e monolíngue poderia ser eficiente para as máquinas e robots, porém seria um mundo unidimensional, terrivelmente empobrecido, tanto a nível cultural e psicológico como a nível ecológico.



GHANDI

Respondia a quem confunde a harmonia com a uniformização: “Não quero por muro na minha casa nem fechar minhas janelas. Quero que os ventos das culturas de todo o mundo circulem por minha casa com toda liberdade possível. Porém ao mesmo tempo me nego a que nenhum desses ventos me venha fazer perder o equilíbrio.

BEIRUTE

Se apaga o rumo e o ruído,
se fecha o livro, a porta, a janela.
O fluxo, quebra a barreira do som,
muita fumaça
Drama mudo, expansivo.
Um temor histórico advindo da suspeita
enterra ossos,
perdem de vista inocentes,
abrem crateras e olhos.
Logo se vê uma Civilização milenar incendiada.
A magnitude do cinismo e da hipocrisia
compactadas no míssil que sentencia,
deixa rastros da contradição nos lutos escondidos.
Na paisagem avassalada,
se guarda a memória dos ausentes.



DESPERDÍCIO

A Política tem sido o lugar onde se desperdiça nosso futuro.

ALMAS INATIVAS

Almas inativas determinaram a matança.
Homens covardes, desgraçados lideram e enganam um povo.
A abundância de estúpidos concentrados são paranoicos protegidos,
enquanto isso não é assim.
O direito de mentir e ameaçar não se sustenta.
Quem não frequenta a grandeza
estará condenado à perseguição eterna.
Trai sua pátria aquele que se torna um criminoso de guerra.
A História ensina que as mentiras fracassam, resistem por pouco tempo.
Os humanos não sustentam sua Humanidade adiada.



PORTO

A cidade sem porto é um cemitério de estupidezes
Medindo a profundidade da dor deixada
Não entende de muros, mísseis, roubo de terras.
Aviões rompem silêncios,

uma permanência do caos,
pedaços de vida insistem em não morrer, se precipitam,
ressuscitam na memória ofendida
na densidade da podridão
no fracasso da paz sempre fingida
na vitória dos genocidas.
Uma memória será corrente entrelaçada noutras
memórias
unidas por dores abraçadas à outras dores
Então faltará quem queira lamentar no muro.



PORQUE A VIDA

Porque a vida é agora pura, ora nostalgia, ora espelho do que deixamos um dia sair desde dentro de nós como fantasmas às margens da terra de ninguém. Como neblinas errantes compostas de solo íntimo, a vida tem raiz buscando albergue, matéria escondida na monumental lembrança. Produzindo cortes divisórios na biografia a vida nos espreita como cúmplice sem nome, quando perdida não consegue voltar ao lugar de origem, se perde no anonimato.

CLAUDE LÉVI-STRAUSS

“Cada um de nós é uma espécie de encruzilhada onde acontecem coisas”.



INDIFERENÇA ASSASSINA

Me perdi dentro da tanta ausência, quanto me falta para encontrar outras coisas que substituam à altura a mentira no lugar dos fatos. Nem por isso minha mente aceita encerrar-se estupidamente, reparto as dúvidas que me pertencem com as dores obsoletas perdidas no anonimato. Meu luto habita memórias antigas, frágeis incisões são feridas abertas na moldura antiga que já não tem mais sangue para verter. Salvo do anonimato uma bomba que flutua como uma indiferença assassina.

A MEMÓRIA QUE SEGUE A DOR

Qual poder me ajudaria a transformar paisagens de guerra em toleráveis memórias? Alguma prova certificaria a autenticidade dos meus sentimentos ou bastava algum ouvinte fingir interesse pelo que sinto? Ancorado na profundidade da cratera infundada sobre o que sobrevive em silêncio. Debrucei meus olhos que permanecem nas perguntas iniciais, nas paredes, no rosto dos mortos, dos queimados, na borda dos cimentos, no milimétrico estilhaço do vidro, nas chipas que incendiaram as casas, nos escombros que guardavam nobres corpos inocentes. O olhar queria avançar, mas a perplexidade não deixava ser transferido a nomear o que não mais existe. Assim é e será para sempre? De quantas omissões estão compostas essas paisagens? De que tipo de silêncios guardam os incômodos corpos e a cratera vazia?

AMIN MAALOUF – IDENTIDADES ASSASSINAS

“Para os chineses, os africanos, os japoneses, os índios da Ásia e os da América, tanto para os gregos e os russos como para os iranianos, os árabes, os judeus ou os turcos, a modernização significou sempre abandonar uma parte de si mesmos. Ainda quando em ocasiões tenha provocado entusiasmo, o processo não se desenvolveu nunca sem uma certa amargura, sem um sentimento de humilhação e de negação. Sem uma dolorosa interrogação sobre as origens da assimilação. Sem uma profunda crise de identidade”.



AMIN MAALOUF II

“...estamos vivendo uma época muito desconcertante, na que grande parte de nossos semelhantes a mundialização não lhes parece uma formidável mistura que enriquece a todos, mas um enformar empobrecedor e uma ameaça contra a que deverão lutar para preservar sua cultura própria, sua identidade e seus valores.”

***PRÁTICA DISCRIMINATORIA – AMIN MAALOUF
– III***

Toda prática discriminatória é perigosa, inclusive quando com ela se pretende favorecer a uma comunidade que sofreu. Não somente porque assim se substitui uma injustiça por outra, e se reforça o ódio e a suspeita, mas também por uma razão de princípio que a meu juízo é mais grave: enquanto o lugar de uma pessoa em uma sociedade continue dependendo de seu pertencimento a esta ou aquela comunidade, se seguira perpetuando um sistema perverso que inevitavelmente fará mais profundas as divisões; se se pretende reduzir as desigualdades, as injustiças, as tensões raciais, étnicas, religiosas ou de outro tipo, o único objetivo razoável, é único objetivo honorável, é que cada cidadão de pleno direito, quaisquer que sejam seus pertencimentos. Esse horizonte não pode alcançar-se da noite para o dia...”

PAZ TARDIA

Paz, que tarde estás vindo, choros inúteis sem presenças nesses amargos tempos previsores de barbáries coletivas, das humanidades abandonadas, da carne pesada de carregar corrupções, não há inocência nos planos, abundantes omissões banalizam bombas e bombardeios, a perversão contrasta com a inocência daqueles que desde sempre propensos a viver seguem tendo filhos e aprendendo a viver com a falta de sentido, sentindo falta de antídotos eficazes.



FILEIRAS DE ATAÚDES

Apagado o tempo, aderindo-se à esperança vencida, se notam cicatrizes na existência da terra que tremeu, uma crucial advertência avisando fragilidades. Esta foi uma grande tragédia, no céu um traçado rasga com fogo. Os danos materiais e imateriais deixam uma cena do crime. Corpos feridos, corpos rebentados, corpos

mutilados, corpos de todos os tamanhos, idades, cifrados no metal incrustado revelando a sordidez do plano covarde, fileiras de ataúdes assinam a obra para que jamais de esqueçam o nome das vítimas e dos assassinos.



DORES TRAUMÁTICAS

Há dores que penetram em nossa carne em nosso sangue. O assassinato cheira mal e a violência tem uma linguagem própria. Aquela dor das situações traumáticas é mais solitária, mais profunda, faz a pessoa fragilizada para suportar a insensibilidade daqueles que lhes cercam. A dor de solidão fecha as portas, esvaziam as humanidades. A dor traumática é o resto humano, do espanto, da decepção na própria espécie. O real vivido é o que é, não o que deveria ser. O compromisso com o mal frequenta governos apoiado, investido, estimulado e protegido.

SEQUESTRO

Sequestrada visão, expirada a inspiração, consolidada a falsa esperança em fogo lento, os olhos do tempo em fogo sagrado, a cobiça se burla do pudor enquanto o cais de Beirute se encobre de raiva, impunidade e vergonha.



UM CERTO DEUS

Sempre haverá muita gente maldita que, ambiciosa, avara e perversa planeja genocídios. Todo corrupto é alguém que nutre a morte alheia, replica pobreza, alimenta as doenças, as vulnerabilidades, a exclusão por conluios, se divertem matando, omitem consequências, se divertem em pulverizar as consciências. Acham-se filhos prediletos de um certo deus.

ANDORINHAS ASSASSINAS

Chegaram as andorinhas, pousaram no porto, chegaram a tempo de trazer a morte, chegaram para dar fim aos inocentes, insignificantes aos seus planos bandidos, chegaram junto com a frota, os aliados que alimentaram as andorinhas, que doaram as andorinhas, que pesquisaram o poder de fogo das andorinhas. Chegavam como solução, obraram milagres construídos no muro, na calada da noite, no quartel. Cheiravam a enxofre, assoviavam ao ir chegando a tempo de matar 150 e ferir 5.000, a quem as andorinhas feito ratos consideravam gente inferior.

Lembrei-me do livro de Walter Graziano, Hitler ganhou a guerra; ele tinha razão.

Roberto Curi Hallal

